
PEDAGOGIAS DAS CLASSES POPULARES: FISSURAS NO MURO DA CULTURA DO MEDO

Fabiano Soares da Silva

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é um esforço de sintetizar a pesquisa de mestrado (2017) intitulada *Palavras que nascem da noite: Dimensão educativa das práticas culturais em contextos populares* e visa fomentar a reflexão sobre uma pedagogia própria das classes populares.

Procurou-se pensar na pesquisa as práticas culturais que se articulam fora do ambiente escolar produzindo nos contextos populares possibilidades de construção de comunicação através da escrita que transporta as marcas de um processo de educação formal ou escolar. Desse modo, se reelabora a partir das ambivalências produzidas entre territórios tomados pelos sujeitos que amplificam a possibilidade da produção de suas próprias vozes. Buscando refletir sobre as práticas culturais, suas relações que se articulam e dão visibilidade a uma dimensão educativa que se entremeia nesses contextos como instrumento de uma pedagogia popular.

Considerando as experiências dos círculos culturais em que participo, atreladas à poesia e a publicação independente na experiência popular, teci o mote de entrada para pensar como os acontecimentos produzidos nos contextos populares diversos provocam a mudança do olhar a realidade sobre os sujeitos que interagem em seus encontros, nas contradições da vida social e nas tensões geradas pelas lutas cotidianas. Além disso, pensar os modos de ressignificação de sentidos produzidos nesses contextos.

Diante das questões levantadas, os *estudos com* o cotidiano e os trabalhos que giram em torno da educação popular, abriram possibilidades para convergências significativas que pudessem dialogar com os diversos sujeitos que contribuíram na reflexão sobre os saberes e práticas sociais nos quais interagem na ressignificação de suas experiências.

De tal modo, entre outras literaturas, busquei compreensões com Paulo Freire, Anibal Quijano, Carlos Rodrigues Brandão, Carlos Nestor Canelini para mover reflexões sobre as potencialidades de uma pedagogia popular, na construção de uma prática pedagógica libertadora.

Pensando os movimentos culturais vou me encontrar com os grupos e poetas da Baixada Fluminense, onde a pesquisa assumiu um movimento rico de experiências que colaboraram ainda

mais para pensar essa pedagogia entranhada nas práticas populares do fazer-pensar, produzindo modos de interação e de aprendizagens.

OS SUJEITOS DA PESQUISA E O EMARANHADO RECORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Nos encontros epistemológicos que atravessaram os referenciais bibliográficos, alguns conceitos demarcaram um movimento de reflexão, fundamental para tecer o entendimento sobre as *práticas culturais*. Práticas estas que se constituem a partir do conjunto de pessoas ou coletivos que interagem entre si na reconstrução e ressignificação de subjetividades. Desse modo, o esforço de pensar as práticas culturais caminhará em direção ao aprimoramento dos meios de veiculação de escrita, as publicações independentes que circulam no território da Baixada Fluminense, através de periódicos e a “fabricação” de livros independentes, alternativos ou artesanais. Ao mesmo tempo, buscou-se compreender as potencialidades de cada sujeito afetado por essas produções e suas redes de relações.

Na experiência de fabricações/produções de livros ou publicações independentes evidenciados por movimentos de poetas, escritores/as, educadores/as populares, ao se apropriarem das técnicas de produção e reprodução do livro, estabelecem comunicações, intercâmbios, trocas subjetivas e materiais a partir de relações afetivas e culturais.

Nesse movimento, uma conclusão que é pensada, está na assertiva de que as classes populares produzem, não apenas suas práticas educativas, mas as redes de solidariedade de produções literárias peculiares dos contextos periféricos, nos métodos de articulações, ou ainda, nas trocas de experiências, reelaborando seus modos de compreender, ver, sentir o mundo e expressá-lo. Nessa dinâmica, pode-se dizer de um caráter de intensa recriação de uma pedagogia popular articulada na vivência dos diversos sujeitos que transitam por diferentes territórios.

Ao buscar o caminho das práticas culturais dos sujeitos que atravessam o território da Baixada Fluminense, o livro independente ganha uma atenção particular por representar uma prática de construção de subjetividade entre os sujeitos como resultado de um processo ou dinâmica da continuidade da palavra pronunciada, escrita e transcrita. Vozes e sons das práticas vão ganhando contornos, de modo que a palavra, entendida como uma dimensão pertencente das práticas sociais, das relações humanas e das experiências coletivas, estabelece comunicação ao entrelaçar processos cognitivos, criações de significados, como a busca do ser que somos.

A Baixada Fluminense é uma região que se estende entre a cidade do Rio de Janeiro e a região serrana, tendo ainda uma população de aproximadamente 3,73 milhões que é atravessada por um número expressivo do poderio ofensivo bélico e militar, mortalidade por armas de fogo e baixo nível de renda per capita, apesar de representar para o Estado significativo crescimento do comércio e indústria (Silva, 2017).

Ao buscar compreensões sobre o território, Milton Santos (2007) ajudou a pensar as múltiplas negociações que atravessam e vão compondo as apropriações simbólicas e objetivas de um modo de estar no mundo. Contribuições trazidas pelos os estudos desse autor permitiram compreender o território da pesquisa a partir dos diversos sujeitos e suas práticas. Desse modo, os corpos e as vozes que atravessam o território da pesquisa ecoam como movimento orgânico sobre um modo de sentir e pensar o mundo; como um nó divergente na corda posta a emitir um som hegemônico para exigir, na descoberta de si, o encontro dissonante de suas experiências (em seus múltiplos lugares) construídas por diferentes temporalidades e práticas ressignificadas dos saberes.

Ainda com Milton Santos, transitei em um entendimento que o território “também pode ser definido nas suas desigualdades a partir da ideia de que a existência do dinheiro no território não se dá da mesma forma” (idem, p.17). Mas também, podem ser produzidos, no cotidiano dos sujeitos das classes populares, modos próprios de suas articulações, ajustamento frente à dinâmica sócio-política e projeções de outras perspectivas societárias. De todo modo, vai se constituindo uma população heterogênea, de múltiplas perspectivas sociais, econômica e cultural.

Dessa noção heterogênea e de múltiplos entrecruzamentos culturais, tornou-se possível uma aproximação com Néstor Garcia Canclini, a respeito dos processos de *hibridação* que surgem a partir da criatividade individual e coletiva.

Nesse sentido, as práticas culturais em que busquei pensar são atravessadas por universo vocabular que parece ressignificar constantemente a dinâmica da vida social como prática educativa e como formas de pensar o seu contexto social para se reconfigurar no pertencimento territorial, enquanto sujeito de direito.

Cabe ressaltar que as tensões desse movimento não estão ausentes de conflitos, contradições, interposições de compreensões de mundo e imposições culturais marcadas por práticas históricas de dominação colonial, servilismo e a constante disputa pelas sombras do canhão. No entanto, se produz no interior dos contextos periféricos das práticas culturais, outras lógicas que interagem, comunicam, negociam, dialogam, resistem e se contrapõe a força do poder hegemônico. É sobre esse plano que as definições de “cultura do silêncio”, de “práticas de

colonialidade”, de “território usado”, de processos de “hibridação cultural”, de “interações culturais” e de “experiências de interações”, ajudam compreender essa movimentação de saberes e práticas culturais como possibilidade de pensar uma pedagogia que dialoga com múltiplos espaços formativos e que muda a vida de homens e mulheres para fomentar compreensões críticas sobre o mundo na transformação das relações da vida coletiva.

Desse modo, caminhei no resgate das experiências, das conversas provocadas em seus diferentes contextos e diferentes práticas sociais em que articulam as experiências dos sujeitos. Buscando pensar, assim, as *epistemologias* criadas a partir das múltiplas relações das práticas culturais em contextos populares. Práticas estas entendidas em uma relação dinâmica que exerce função de aprendizagens e de ressignificações das experiências vividas. Como dimensão educativa dessas práticas culturais, as experiências dos sujeitos das classes populares em espaços coletivos se articulam para constituir releituras do contexto social possibilitando transformá-lo sob ressignificações de sentidos e temporalidade.

Nessa dinâmica, a produção de *escrita, leitura, reescrita* e a confecção do *livro* representam formas e funções pedagógicas, à medida que as ressignificações criadas pelos sujeitos dão contornos das suas próprias vivências.

Por esse motivo, resgatar experiências das produções de escrita, das criações literárias, dos processos da confecção/produção do livro, bem como a apropriação e *expropriação* da palavra, possibilitou pensar a dimensão política que está ligada a um *fazer*, a um *pensar* e a um *viver* que se contrapõem à ideia de *mundo acabado* e de papéis sociais pré-definidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a *dimensão educativa* das *práticas culturais* dos sujeitos das classes populares colaboram na construção de espaços de criação de práticas libertadoras que impulsionam a produção de uma escrita para dizer dos desejos, dos sentimentos e das expectativas da vida individual e coletiva. De tal modo que, tomando a palavra, forjam o próprio discurso e as narrativas que historicizam as experiências vividas e saberes compartilhados. Criando, assim, veículos próprios de comunicação, tais como espaços de trocas de ideias, saraus, eventos de divulgação de suas produções e articulando intercâmbios culturais com outros sujeitos para além do território de suas origens. Assim, a pesquisa ajudou ampliar uma compreensão das interações interpessoais na construção da consciência do saber narrativo das classes populares para fortalecer as lutas contra as

práticas de dominação, de colonialidade, de injustiça, de desrespeito, de racismo, machismo e de extermínio produzido na trama social.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Saber e Ensinar: três estudos de educação popular*. Campinas: Papirus, 1984.
- _____. *Lutar com a palavra*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Editora da USP, 2015.
- CERTEAU, Michael de. *A invenção do Cotidiano. A arte de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- SHOR, Ira e FREIRE, Paulo. *Medo e ousadia: O cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- STERK, Danilo R. e ESTEBAN, Maria Teresa (Orgs.). *Educação Popular: lugar de construção social coletiva*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- ESTEBAN, M. Teresa. “Sujeitos Singulares e tramas complexas – desafios cotidiano ao estudo e à pesquisa”.
- GARCIA, Regina Leite (org.). *Método, Métodos e Contramétodo*. Rio de Janeiro: Cortez, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014,
- GARCIA, Regina Leite. “A difícil arte/ciência de pesquisa com o cotidiano”. *Método, Métodos e Contramétodo*. Rio de Janeiro: Cortez, 2003.
- QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder e classificação social”. SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula. *Epistemologia do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- SAID, W. Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. “Território e Dinheiro”. SANTOS, Milton, BECKER, Bertha K.[et ali]. *Território, Territórios: ensaio sobre o ornamento territorial*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- SILVA, Fabiano Soares da. *Palavras que nascem da noite: Dimensão Educativa das práticas culturais em contextos populares*. Dissertação – UFF. Niterói-RJ, 2017.

RESUMO

O presente trabalho busca tecer compreensões sobre as práticas culturais das classes populares e as articulações de saberes como dimensão educativa. Como fio norteador que culminou esse artigo, as práticas culturais constroem fissuras no muro da *cultura do medo* e das práticas de dominação material e simbólica, constituindo-se como possibilidades, recriar ações libertadoras que se contrapõem à lógica dominante e às *prescrições de colonialidade*. Nesse olhar, as contribuições dos estudos *com o cotidiano* colaboraram na compreensão de que os saberes e práticas culturais dos sujeitos das classes populares assumem funções de aprendizagens e de ressignificações das experiências vividas.

Palavras-chave: Educação Popular. Estudos com o Cotidiano. Dimensão Educativa. Práticas Culturais.